

18º Congresso Brasileiro de Sociologia
26 a 29 de Julho de 2017
Brasília (DF)

Grupo de Trabalho
Relações Raciais e Étnicas: Desigualdades e Políticas Públicas

**TERRITÓRIOS NEGROS E SOCIABILIDADE: CLUBES, SOCIEDADES E
BAILES.**

Karina Almeida de Sousa
Universidade Federal de São Carlos (UFSCar)
Universidade Federal do Tocantins (UFT)

TERRITÓRIOS NEGROS E SOCIABILIDADE: CLUBES, SOCIEDADES E BAILES

Karina Almeida de Sousa¹

RESUMO

As populações da diáspora africana se organizaram de modo complexo e versátil, nesse sentido o associativismo negro caracteriza-se em primeira instância pela sua multiplicidade, versatilidade e dinamicidade de atividades e objetivos. O caráter coletivo das associações negras (Sociedades e Clubes) surgidas no pós-abolição indicam formas de sociabilidade e de ação coletiva dos negros no Brasil distintas das irmandades religiosas e dos quilombos. A partir de atividades de cunho recreativo, político, social e educacional, os Clubes Sociais Negros organizaram-se entre as dimensões política e cultural, para além da inserção econômica dos negros. Buscaremos expandir a reflexão sobre as formas de sociabilidade e a dimensão do território considerando novos e atuantes espaços de sociabilidade deste grupo - os Bailes Black. Clubes e Bailes são, preferencialmente, espaços de encontro e trocas entre negros desde o século XIX, e como territórios de sociabilidades intersectam categorias centrais para a análise sociológica contemporânea como raça, gênero e classe. Com o objetivo de contribuir para a compreensão da sociabilidade negra, o paper pretende analisar o associativismo a partir dos Clubes Sociais Negros localizados na região Sudeste do Brasil perpassando os atuais Bailes Black do interior e capital do Estado, utilizando como fonte de dados pesquisas bibliográficas e incursões etnográficas.

INTRODUÇÃO

Irmandade. Comunhão entre pessoas em prol de objetivos em comum.
Fraternidade. Grupo de irmãos. Relação de semelhança entre diversos. Comunidade.
Do latim *Germanitate*.

Quais seriam as experiências, objetivas e subjetivas, que mobilizam a reunião de indivíduos? O encontro entre homens e mulheres negros em quaisquer espaços, seja nos espaços acadêmicos, nas confraternizações, ou

¹ Professora do Magistério Superior na Universidade Federal do Tocantins, no curso de Licenciatura em Ciências Sociais. Doutoranda em Sociologia na Universidade Federal de São Carlos, no Programa de Pós-Graduação em Sociologia. Membro do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros da UFSCar e coordenadora do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Raça e Temas Educacionais (GERTE) na UFT. Contatos: sousa_karina@yahoo.com.br; sousakarina@uft.edu.br.

mesmo nas ruas e avenidas das cidades onde pude residir constantemente mobilizou minha atenção. Ocorria algo que, vez ou outra me incluía, uma espécie de relação construída instantânea e espontaneamente entre desconhecidos. Certa “irmandade” era traduzida na troca de olhares, gestos- muitas vezes sutis-, cumprimentos rápidos ou em palavras firmes de apoio e ações de solidariedade, muitas vezes, nas relações menos formais como um “bom dia” a desconhecidos no centro da cidade. Em muitos momentos não era possível localizar um sentido lógico-racional para o “bom dia”, ou para uma troca de olhares espontânea com a senhora parada do outro lado da rua. Olhares similares foram expostos ao acompanhar os noticiários televisivos sobre condições precárias de moradia, alimentação, violência, abandono, ineficiência das políticas públicas e ausência de reconhecimento com o desconhecido que acompanhava o noticiário sentado na mesa ao lado. Diferentes níveis de compartilhamento, algo que aproximava, ainda sob um olhar leigo, uma identificação intuitiva entre desconhecidos, pessoas que não sabiam o nome uma das outras, o local de moradia ou a profissão exercida naquele momento. Ainda assim era possível considerar um conhecimento prévio àquela situação.

É a “irmandade”! Essa foi à resposta proferida durante quase todos os meus questionamentos sobre o que, exatamente, mobilizava o contato- muitas vezes inesperado e circunscrito no tempo entre sujeitos “totalmente” desconhecidos. Geralmente enquanto a palavra era pronunciada um gesto remetendo-se a cor da pele (preta) era feito. Gesto por sinal bastante comum no Brasil quando se busca uma referência não verbal a população da diáspora africana no país. É comum um movimento curto de uma das mãos sobre o antebraço oposto simulando um sutil esfregão. O movimento descrito pode ser observado nas mais distintas situações, inclusive como estratégia para o apagamento da referência a população negra. Ao não ser pronunciada espera-se que esta permaneça como um tipo de espectro, que, enquanto espectro não exerça centralidade em quaisquer conflito.

Inúmeras vezes observei, com certo estranhamento, tanto o uso da palavra quando as relações que ela pretendia expor. A impressão de estranhos que se conhecem mesmo sem quaisquer referências substantivas, quando

como, por exemplo, encontramos uma pessoa no supermercado ou no ponto de ônibus e temos a nítida sensação que a conhecemos. Questionamentos referentes a contatos anteriores entre aqueles sujeitos eram constantemente respondidos do mesmo modo. “Nunca vi (...) é a irmandade”! Respostas que, por sua vez, tendiam a gerar um estranhamento ainda maior, e mais uma vez a resposta final às minhas dúvidas eram concentradas na referência a uma determinada “irmandade”.

Com o passar dos anos algumas vezes senti-me parte da irmandade, nesses momentos a negociação sobre minhas origens e sobre quem havia me tornado era nitidamente guia dos comportamentos. Sentia-me parte de um universo de significados que reverberavam no meu corpo, ao passo que era este mesmo corpo que por diversas vezes excluía-me de tudo aquilo que tanto me despertava interesse e tão pouco eu poderia conhecer. Em meados de 2014, uma experiência iria de fato indicar a importância e um vasto campo reflexões a partir das relações e da história que a palavra irmandade procurava exprimir. Estudante universitária desde o ano de 2005, naquele ano, participaria pela quarta vez de um importante congresso acadêmico que reúne pesquisas sobre relações raciais no país². As participações no evento marcaram meu percurso pessoal e acadêmico, tanto por que foi nesse evento que pela primeira vez fui reconhecida como uma mulher negra e ainda, por que o sentido da palavra já tão usual para mim foi preenchido naquele ano. Algo aproximava desconhecidos e desconhecidas criando um ambiente de familiaridade e pertença durante os dias do evento. Finalmente a irmandade tomou sentido e forma frente aos meus olhos e se materializou em um ímpeto investigativo.

Quais elementos ou circunstâncias seriam as proponentes dessa relação de proximidade e interconexão entre desconhecidos? Em termos sociológicos,

² Refiro-me ao Congresso Brasileiro de Pesquisadores/as Negros/as- COPENE. Desde sua primeira edição, no ano de 2000, o COPENE é realizado por meio de parcerias entre instituições de educação superior públicas (federais e estaduais) e a Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros- a ABPN. O evento congrega pesquisas das mais diversas áreas de conhecimento que realizem a interface com a questão étnico-racial e/ou diáspora africana de modo que pesquisadores negros e não-negros tem participação ativa no mesmo, ainda que seja possível reconhecer uma maioria de pesquisadores/as negros/as. No ano de 2014 foi realizada a VIII edição do COPENE na cidade de Belém/PA sediada pela Universidade Federal do Pará (UFPA).

quais seriam as relações de interação e as formas de sociabilidade em diferentes sujeitos que indicavam pontos em comum, ou melhor, que permitiam que sujeitos advindos de diferentes contextos pudessem se reconhecer como pertencentes a uma mesma coletividade? Seria o processo de socialização? As experiências compartilhadas a partir do racismo? Surge daí, dessa experiência vivenciada ao longo da minha formação acadêmica e das experimentações, o interesse em refletir teoricamente sobre o associativismo negro no Brasil, ou melhor, sobre os possíveis contextos, estratégias e objetivos que uniam pretos/as e pardos/as³. Muitas dinâmicas, formas de sociabilidade e interações comunitárias podem estar submersas nas falas da “irmandade” que por tanto tempo circundaram meu cotidiano. Materializa-se um profundo interesse em refletir acerca do que ou quais seriam as dinâmicas que atuariam como elo, elemento de agregação de sujeitos que muitas vezes compartilhavam a mesma cor ou raça. O que significa e quais as dimensões desse compartilhamento? Em quais espaços físicos ele tem se concretizado na história do país? É o mesmo modelo de associativismo, ou tem sofrido alterações? Há algo permanente nos diferentes tempos quando refletimos sobre o associativismo negro? Como ocorre o reconhecimento dos pares?

As formas de organização e mobilização afrodescendente se vinculam ao contexto da sociedade mais abrangente e a dinâmica vivenciada, seja de modo espontâneo ou imposto à população. É possível reconstruir os trânsitos e as origens de muitos dos grupos étnicos que compõe o país, especialmente dos grupos que emigraram do continente europeu. Ao realizar uma breve incursão sobre as formas de associativismos de tais grupos é possível constatar já nas primeiras investigações o caráter dispare entre o associativismo dos grupos originários do continente europeu em detrimento dos

³ O sociólogo Eduardo de Oliveira e Oliveira apresenta uma importante crítica direcionada ao “local social” construído e ocupado pela população parda no Brasil. Em sua reflexão Oliveira destaca o pardo como materialização de uma suposta tolerância e igualdade entre pretos e brancos no Brasil, de modo que impedia a organização de movimentos de caráter segregacionista e estabelecia certa zona indefinida entre liberdade e escravidão. Sobre ver: Oliveira, Eduardo Oliveira. O mulato como problema epistemológico, p. 65-73. In.: Obaje, Hiroje. Algumas reflexões sobre a formação do capitalismo japonês. In.: Argumento. Revista Mensal de Cultura. N. 3, ano I. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

grupos originários do continente africano⁴. Associar-se, organizar-se em grupos com diferentes objetivos (políticos, culturais, religiosos, econômicos) é prática corrente às dinâmicas sociais, surgem então questionamentos às diferenças entre as formas de associação, os objetivos, as dinâmicas e principalmente as estratégias de sociabilidade considerando as especificidades da população afrodescendente no contexto colonial e pós-colonial. Para tanto nos interessa demarcar sob qual momento do associativismo da população negra buscamos refletir.

As populações da diáspora⁵ africana no Brasil se organizaram de modo complexo e versátil, o que implica afirmar que o associativismo negro caracteriza-se em primeira instância pela sua multiplicidade, versatilidade e dinamicidade de atividades e objetivos. Do século XIX aos dias atuais, a consciência de que o preconceito contra a população negra é uma situação a

⁴ As distinções entre as formas de associação da população negra e as demais associações étnicas (italianas, espanholas, portuguesas) tem sido tema de reflexão, de tal modo que proponho aqui algumas distinções iniciais entre ambas. Uma distinção notável relaciona-se a forma de integração dos grupos na sociedade brasileira, para essa compreensão é preciso destacar os objetivos, as estratégias e a o reconhecimento de tais grupos para a construção do que seria o Estado-Nação em território brasileiro. Imigrantes europeus, de modo geral, foram considerados fator de modernização da ex-colônia, enquanto negros- africanos ou seus descendentes, como fator de atraso. Outro ponto refere-se às formas de produção e transmissão de conhecimento e cultura no interior dos grupos. Advindo do modelo de integração ou mesmo da interdição o acesso aos direitos é substancialmente desigual, como por exemplo, acesso à educação pública, a seguridade social, saúde e a moradia. Por fim, a mobilidade social nesses diversos grupos produziu efeitos também diversos, enquanto aos advindos do continente europeu a mobilidade, mesmo que restrita, foi incentivada e financiada pelo Estado Brasileiro, para a população negra não foram realizadas quaisquer iniciativas afim de investir em tal mobilidade. Pelo contrário foram sancionadas leis que senão impediam, dificultavam severamente essa mesma mobilidade. Aqui refiro-me a Lei de Terras, sancionada em por D. Pedro II em setembro de 1850, que determinou parâmetros e normas sobre a posse, manutenção, uso e comercialização de terras no período do Segundo Reinado, de modo que a compra seria a única forma de ter posse da terra no Brasil.

⁵ Diáspora enquanto deslocamentos étnicos, culturais e territoriais transnacionais colocam em questionamento a noção dos Estados-Nação enquanto correspondentes a um espaço homogêneo. A partir da compreensão de que existem nações dentro de um mesmo Estado, e mesmo comunidades que não reconhecem o Estado, a diáspora amplia as reflexões para além das fronteiras nacionais traçadas pelo Estado-Nação. Em larga medida essa nova condição de reflexão não apenas questiona a “homogeneidade” linguística, política e cultural, mas, por meio de elementos culturais, religiosos e mesmo étnicos torna possível que se estabeleçam continuidades para além das fronteiras nacionais. Segundo Gusmão e Simson (1989, p. 219) a diáspora “envolveria processos de circulação de um povo, vivenciando mobilidade geográfica, induzida ou não, possibilidade contraditórias para o estabelecimento de “raízes”. (...) Assim, ações criativas dos povos como sujeitos de sua história, isto é, ações mobilizadoras em seu próprio proveito, formas e contextos de luta em mutação; transformações psicoculturais e ideológicas; redes sociais e dinâmicas institucionais constituem-se em exemplos de experiência histórica compartilhada”.

ser combatida tem perpassado todas as organizações e espaços relacionados ao associativismo negro. Segundo as autoras Gusmão e Simson (1989, p. 219-220), a experiência histórica da diáspora negra, nos leva a considerar que ela não tenha ocorrido de maneira igual em todos os lugares. O que nos leva a considerar que a mobilidade geográfica a que foram submetidos os povos africanos tem sido tratada como se o povo africano fosse apenas um, ou ainda se houvesse apenas uma forma de ser negro, desconsiderando as histórias distintas e a condição particular do negro na diversidade.

Partimos da afirmativa de que a configuração social e política vigente desde o regime escravagista gerou importantes desdobramentos nas dinâmicas sociais elaboradas para a formação do país. A abolição não delimitou o fim dos conflitos raciais, já que a resistência negra assumiu outras características dentro da emergente industrialização e urbanização nacional. A exclusão escravagista deixou de ser legal, o que não significou que esta população atingiu o status de sujeito humano. Como consequência desse processo, ainda nos séculos XIX e XX, presenciou-se o incentivo à imigração massiva de europeus ao país.

O processo imigratório⁶ influenciado também pelo período crítico vivenciado no continente europeu durante o entre guerras e, ainda, pelas perseguições direcionadas a inúmeros grupos durante a Segunda Guerra Mundial, grupos estes que vislumbraram novas possibilidades de trabalho, moradia e segurança no Brasil. Esse objetivo esteve estreitamente relacionado à transformação fenotípica e cultural de uma população majoritariamente negra. Ambos movidos pelas propostas eugênicas⁷, visando o aperfeiçoamento da população por meio da regeneração de seus traços hereditários e morais, que apagariam então as características das culturas negras e indígenas,

⁶ A política migratória brasileira desse período apresentou alguns objetivos, dentre eles, a necessidade em se adquirir mão de obra dedicada ao trabalho nas lavouras de café.

⁷ Segundo Diwan (2007), a eugenia não lida com a incompreensão religiosa e tampouco com os embates de um sistema de dominação político-econômico. Com status de disciplina científica, a eugenia tinha por objetivo implantar um método de seleção humana baseado em premissas biológicas. No entanto, o caráter "originalmente" miscigenado das práticas eugênicas no país não obtiveram os mesmos resultados de outros espaços (2007, p. 13). Na mesma obra o autor afirma que os preceitos da ideologia eugênica foram aplicados em diversos países, entre eles: Alemanha, Itália, Dinamarca, Suécia, Noruega, Finlândia, Japão, China, Estados Unidos, México, Argentina, Brasil.

compreendidas nesse contexto como culturas inferiores. Permitir-se-ia o surgimento de um povo “legítimo”.

O início do século XX foi fortemente marcado pelos debates em torno da questão nacional. Essa foi à grande preocupação que orientou a atividade intelectual de médicos, advogados e dos próprios intelectuais. Segundo Diwan (2007), na obra *Raça Pura*, em toda a América Latina houve uma grande preocupação com a formação de uma identidade nacional. Essa preocupação decorreu, principalmente, da busca pelo status de Estado-Nacional. Para tanto, seria necessário suprimir uma questão extremamente mal vista pelos europeus: a miscigenação⁸ (DIWAN, 2007, p. 85). De acordo com o teórico jamaicano Stuart Hall (p.308, 2006), mesmo o racismo apresentando características gerais, é necessário observar como tais características são modificadas e transformadas pela especificidade histórica e social dos contextos e ambientes nos quais eles se tornam ativos.

As organizações negras tem sido tema de inúmeras reflexões e serão destacadas aqui enquanto territórios negros⁹ sejam territórios de caráter fixo ou itinerante. Quilombos, Irmandades Religiosas, Associações, Sociedades e Agremiações; Blocos Carnavalescos; Escolas de Samba; Jornais; Grupos Teatrais; Coletivos e o próprio Movimento Negro- considerando suas inúmeras

⁸Miscigenação, a mestiçagem no sentido biológico, volta-se à hibridez do patrimônio genético (MUNANGA, 2004, p. 20).

⁹ As reflexões sobre espacialidade/territórios negros ainda encontram-se em fase inicial nesta pesquisa, deste modo, podemos indicar os territórios negros a partir do desenho de dois modelos: como espaços físicos ocupados pela população negra e reconhecidos socialmente- os Clubes e Sociedades Benéficas Negras- seja na comunidade local- o bairro- como pela cidade e as regiões circunvizinhas como um território de encontro e estabelecimento de relações entre negros/as. Enquanto em um primeiro exercício de reflexão a noção de territorialidade negra esta circunscrita em um espaço físico determinado e reconhecido pelos demais membros do grupo como “território negro” materializada na sede dos clubes. Importa ainda destacar que os Clubes e Sociedades possuíam sedes próprias, na maioria das vezes construídas por seus sócios e mantida pelos mesmos. As sedes- geralmente grandes casarões localizados no espaço urbano, reuniam todo tipo de atividades, desde bailes de debutantes, casamentos, aniversários, desfiles de mis, escolas de educação primária, etc. Há uma segunda dimensão do termo, que se refere a territórios itinerantes. Nesses territórios a ocupação é contextual, na maioria das vezes também circunstancial, apenas para e durante a realização de bailes black tais territórios são transformados e compreendidos como territórios negros. Não seria, para tanto, a mobilidade dos espaços, mas dos sujeitos frequentadores que permitiria que o espaço seja itinerante. Nesse caso, trata-se, por exemplo, de um Baile Black que ocorra em um Clube Militar, ou seja, o espaço é reconhecido como um espaço de reconhecimento e socialização de militares, no entanto, naquele momento recebe uma nova significação, transformando-se, contextualmente e circunstancialmente, em um território negro.

vertentes- são alguns dos exemplos das formas e estratégias de associação da população afrodescendente no contexto nacional.

A análise sobre as formas de associativismo da população negra deve, necessariamente, ser contextual, considerando-se as distintas organizações e padrões culturais, e ainda as consequências da colonização de norte a sul do país. Nesse momento da investigação provavelmente pouco contribuiríamos se nossas pretensões visassem construir uma interpretação total sobre as formas de associativismo, nesse sentido as reflexões que se pretende construir tem um olhar direcionado para o associativismo negro no contexto urbano, tal qual grande parte das pesquisas em Ciências Sociais, focadas na construção de uma analítica a partir das regiões consideradas centrais no modelo de desenvolvimento urbano-industrial do país. Considerando-se as contribuições já desenvolvidas pretende-se o aprimoramento de tais reflexões por meio de um olhar direcionado aos espaços de sociabilidade e ainda sobre os elementos que estabelecem solidariedade, laços de fraternidade e reconhecimento. O foco analítico se dará na região sudeste, particularmente nos estados de São Paulo considerando as cidades do interior e a capital.

As irmandades religiosas foram muito conhecidas durante o período escravocrata. Segundo Rolnik (p. 4, 1989), as irmandades funcionavam como ponto de agregação. Em seus terreiros, nas festas religiosas, os negros dançavam batuque. Muitas, como a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos de São Paulo, chegaram a abrigar libertos e, como a Confraria dos Remédios, envolveram-se diretamente na campanha abolicionista, articulando quilombos rurais às redes de apoio urbanas. No período de transição, mas majoritariamente no pós-abolição as sociedades ou associações negras, tornaram-se os principais espaços de sociabilidade da população negra liberta. Logo, ao direcionar esforços interpretativos para as formas de associação da comunidade negra, os clubes sociais organizados e frequentados por sujeitos desta comunidade tornaram-se objetos indispensáveis de análise.

Se o objetivo da investigação é refletir sobre as formas de associativismo da população negra, importa observarmos como as dinâmicas relacionadas ao associativismo se desenvolveram na região mais populosa do

país. Guardadas suas especificidades quanto aos modelos de urbanização, políticos e sociais, busca-se elucidar um modelo de interpretação da comunidade afrodescendente residente no Brasil que possa indicar novos modelos interpretativos ou o aprimoramento dos já existentes.

(...) a questão fundamental da natureza colonialismo e pós-colonialismo como categorias / práticas de contestação e mecanismos críticos é a constituição de identidades coletivas (Tradução livre) (Alva, 1994, p. 244).

Pensar as formas de associação da comunidade afro-descendente no Brasil tem trazido a tona diversos pontos. Questões lapidadas na medida em que posso me aproximar de territórios negros, enquanto espaços de sociabilidade e conformação de identidades coletivas positivadas. Nesse sentido, a ideia apresentada na referência a irmandade tem indicado o estabelecimento de uma rede de relações e laços de solidariedade que extrapolariam o modelo da comunidade lógico-racional-ocidental apontando o estabelecimento de uma rede de solidariedade e um determinado modelo de coesão instituído com bases em elementos de identificação coletiva por meio de uma comunidade de afeto, no qual a dança e a música manifestam-se como elementos transversais aos territórios negros.

CLUBES SOCIAIS NEGROS: MÉMORIA, HISTÓRIA E RESISTÊNCIA.

O surgimento dos Clubes Sociais Negros demonstra que o racismo se configurou de modo bastante específico a partir das dinâmicas históricas, políticas e sociais dos diferentes contextos nacionais. É sabido, por exemplo, que as formas de segregação impostas à América Latina se distinguiram das formas impostas aos Estados Unidos da América¹⁰, o que nos permite reconhecer, na América Latina, algumas associações que surgiram no bojo de sociedades excludentes e discriminatórias. Andrews (2007, p. 159), afirma que

¹⁰ Diferentemente dos Estados Unidos da América, durante o regime de segregação racial, em que as divisões pautadas na raça eram públicas e explícitas, o Brasil passou por intensos processos políticos que ora, apontavam para o embranquecimento como alternativa para o processo de modernização nacional (vinda de imigrantes europeus e ausência de políticas públicas destinadas aos negros); ora pautava-se na anulação da discussão racial, considerando-se que esta não se configurava enquanto marcador dos processos de subalternização.

afrodescendentes prósperos no pós-abolição perceberam tal segregação e buscaram meios de integrar os espaços de sociabilidade típicos da classe média branca, buscando como estratégia a construção de espaços similares para uma parcela da população negra que estava, em sua maioria, entre a classe média branca e o proletariado negro (organizações sociais e cívicas paralelas às criadas pela classe médica branca).

Estas incluíam clubes sociais de elite, como El Progreso (Santiago, Cuba); Club Atenas (Havana), La perla Negra (Santo Domingo), Kósmos (São Paulo) e outras, menos prestigiosas, porém mais numerosas as “sociedades recreativas” (Cuba, Uruguai) e os “clubes de dança” (Brasil); associações atléticas como a Alianza Lima (Lima) e a Associação Atlética São Geraldo (São Paulo), (...) organizações cívicas como a Federação dos Homens de Cor e o Centro Cívico Palmares, no Brasil, e o Directorio Central de las Sociedades de Color em Cuba. (...) as sociedades de ajuda mútua, como o Centro de Cocheros (Havana), a Sociedade Protetora dos Desvalidos (Salvador) e La Protectora e o Centro Uruguay (Buenos Aires); e na Argentina, no Brasil, em Cuba e no Uruguai (e talvez em outros países, onde a pesquisa extensiva sobre organizações negras da virada do século está por ser feita), uma ativa imprensa negra registrava as atividades desses grupos (ANDREWS, 2007, p. 160-161).

Em uma economia em plena expansão, pautada nas exportações, as ideologias do racismo científico, em voga desde o século XIX, instauravam uma situação bastante contraditória para a população afrodescendente que, em alguma medida, conseguia fazer parte do crescimento econômico da época, porém lhes era negado o acesso aos espaços típicos dos sujeitos que ascenderam socialmente e conviviam com a recusa à admissão espaços da elite, como restaurantes, barbearias, hotéis, e até mesmo estabelecimentos públicos, além dos clubes sociais e da discriminação no mercado de trabalho.

A interdição dos membros da nova elite de frequentarem os tradicionais espaços da “elite branca”, bem como seu reduzido ou nulo acesso aos bens e serviços de responsabilidade do Estado aponta como alguns dos principais motivos para a constituição dos clubes. Para além desse marcador, os clubes também surgiam como o objetivo de angariar recursos para custear a alforria de negros escravizados, além de auxiliar nas despesas de funerais, na educação de seus associados e na defesa de seus direitos.

Os Clubes Sociais Negros datam, em sua maioria, do final do século XIX, majoritariamente localizados nas regiões Sul e Sudeste, atuando em três principais atividades, são elas: associações recreativas, assistenciais/benéficas e culturais. A bibliografia específica sobre o tema, mesmo que ainda restrita¹¹, define os clubes sociais negros a partir da caracterização das seguintes questões: público participante, motivação das organizações e, por fim, pelo caráter das mesmas.

Os Clubes Sociais Negros são espaços associativos do grupo étnico afro-brasileiro, originários da necessidade de convívio social do grupo, voluntariamente constituído e com caráter benéfico, recreativo e cultural, desenvolvendo atividades num espaço físico próprio (Oliveira apud Escobar, 2010, p. 61).

De acordo com Figueiredo (2002, p. 31), os estudos brasileiros clássicos (Pierson e Azevedo) demonstraram que no Brasil só era possível ascender a partir da negação da identidade negra, da assimilação de valores e dos comportamentos brancos. A observação de Figueiredo traz o questionamento sobre os Clubes na medida em que representaram espaços de sociabilidade da parcela economicamente emergente da população negra em que traços de sociabilidade da população branca foram reproduzidos. Para além de nos atentarmos para os traços reproduzidos, interessa compreender as dinâmicas que distinguem os espaços de sociabilidade do grupo negro e branco, considerando de antemão a persistência de determinados traços mas também a particularidade de outros.

A construção de uma definição para os Clubes Negros, por parte de Oliveira Silveira¹² bem como membros da Comissão Nacional dos Clubes Negros Brasileiros- fez-se necessária, principalmente, para que políticas públicas destinadas as entidades pudessem ser definidas e implementadas. Um evento recente teve um importante papel na (re)valorização desses movimentos e sobre a (re)articulação das discussões relacionadas ao associativismo negro. No ano de 2006 o Movimento Clubista juntamente com

¹¹ Em recente levantamento realizado na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações foram localizados respectivamente: 2 teses e 12 dissertações sobre Clubes Sociais Negros, e 5 teses e 12 dissertações sobre Bailes Negros. Não foram localizados artigos nas buscas realizadas no termos citados (clubes sociais negros e bailes negros) na base de dados Scielo.

¹² Oliveira Silveira é reconhecido pelo Movimento Clubista como o principal articulador do mapeamento e reconhecimento dos Clubes Sociais Negros no Brasil.

outras representações da cultura afro-brasileira- remanescentes de quilombos, religiosidade(terreiros) e grupos de afro-axé e samba- organizou o I Encontro Nacional de Clubes e Sociedade Negras em Santa Maria/RS. Segundo a Carta de Santa Maria¹³ o Encontro foi organizado em três eixos centrais: Clubes e Sociedades Negras, Centros de Cultura Afro, Ecomuseus e Museus Comunitários. O encontro teve como objetivo promover a visibilidade e o resgate da memória de tais espaços de sociabilidade negra. Segundo o documento estiveram presentes cerca de 300 participantes de 53 clubes negros do Rio Grande do Sul, e 14 de outros estados entre eles São Paulo, Santa Catarina, Minas Gerais, Bahia, Rio de Janeiro.

O movimento clubista apresenta o reconhecimento dos Clubes Sociais Negros como patrimônio imaterial e cultural, expondo um importante debate¹⁴. Segundo informações do Portal Brasil, um levantamento preliminar dos clubes foi realizado pelo IPHAN, SEPPIR e Fundação Cultural Palmares (FCP), que, por meio de um acordo de cooperação técnica, deram início ao mapeamento¹⁵- ainda em andamento- dos Clubes. A finalidade do mapeamento é o conhecimento da história negra, bem como o reconhecimento de tais espaços com vistas ao cumprimento da lei 10.639/03, que tornou obrigatório o ensino de História e Cultura Africana e Afro-Brasileira. O mapeamento tem ainda a finalidade de facilitar as ações voltadas a manutenção da memória destas entidades. Os dados publicados até o momento¹⁶, a partir de um estudo

¹³ A *Carta de Santa Maria* consiste no documento produzido durante o *I Encontro de Clubes Sociais Negros no Brasil*, a partir das demandas apresentadas pelo movimento clubista e intelectuais presentes.

¹⁴A partir da Constituição Federal de 1988, nos artigos 215 e 216, a noção de patrimônio cultural foi expandida passando a reconhecer os bens culturais de natureza imaterial e material, além de estabelecer formas de proteção a edificações, paisagens, conjuntos históricos e urbanos. O IPHAN entende que os bens culturais imateriais se manifestam em saberes, ofícios, modos de fazer, celebrações, formas de expressão (plásticas, cênicas, musicais) e ainda por lugares, como, feiras, mercados, santuários.

¹⁵ De acordo com as informações publicadas na página oficial da SEPPIR serão realizadas entrevistas com representantes dos clubes para reunir informações sobre a situação dos locais, os sentidos e significados atribuídos a eles, suas áreas de atividades, histórico de atuação, entre outros temas. O IPHAN tem interesse na realização desse mapeamento devido à solicitação de Registro dos Clubes Sociais Negros do Brasil. Pedido entregue ao Instituto em 2009 pela Comissão Nacional de Clubes Sociais Negros– criada no I Encontro Nacional de Clubes e Sociedades Negras.

¹⁶Segundo dados da pesquisadora Giane Vargas Escobar e da página on-line do Clube Palmares (<http://clubepalmares.blogspot.com.br/p/clubes-negros-brasil.html>) foi possível organizar um levantamento preliminar dos Clubes e Sociedades Negras no Brasil. Sobre o levantamento é necessário destacar o predomínio dos Clubes nas regiões Sudeste e Sul,

preliminar das instituições envolvidas, indicam a presença dos Clubes Sociais Negros em cinco (5) regiões geográficas do país, são elas: São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

Pesquisas preliminares apontam um número inferior de trabalhos destinados a análises dos Clubes Sociais localizados na região sudeste em comparação aos trabalhos referentes aos Clubes localizados na região Sul¹⁷ (DUBOIS, 2005; ESCOBAR, 2010, GOMES, 2009; HERMANN, 2011; JESUS, 2005; SILVA, 2011; PEREIRA, s.d.), em especial no Estado do Rio Grande do Sul. Considerando-se, como exposto anteriormente, que os Clubes estão localizados em sua maioria nessas regiões – sul e sudeste- análises das associações localizadas na região sudeste poderão contribuir para os estudos sobre a sociabilidade da população negra e suas organizações.

O contexto descrito surge como um catalisador para as formas de associativismo negro já que confirma a hipótese de que uma das questões que motivaram o surgimento dos clubes é o acirramento do preconceito e da discriminação que alterou a forma de participação dos negros na nova organização social. Parte-se ainda da hipótese de que o envolvimento das entidades negras com a educação formal e não formal, manifesta a percepção destes grupos pela educação como elemento fundamental de mobilidade social na sociedade ocidental. De acordo com Gonçalves e Silva (2000, p.139) “As organizações desempenham vários papéis no interior da população negra [...] se configuram como instâncias educativas, na medida em que os sujeitos que participam delas as transformam em espaços de educação política”. O envolvimento dos Clubes com a alfabetização de ex-escravos, com a criação de espaços de sociabilidade e de fortalecimento da identidade negra demonstra a atuação dos grupos para além de suas atividades recreativas, mas como modelos de associativismo com vistas ao enfrentamento e superação do “lugar do negro” por meio da cultura.

especificamente no Estado do Rio Grande do Sul. A data de fundação dos Clubes também varia relativamente, indicando que eles surgiram a partir do final do século XIX, por volta de 1870, até meados do século XX. O levantamento referente aos Clubes Sociais localizados na região Sudeste poderá ser observado nas páginas que seguem, já para o levantamento dos Clubes localizados nas demais regiões indica-se o acesso às fontes supracitadas.

¹⁷ O Programa de Pós-Graduação Profissionalizante em Patrimônio Cultural da Universidade Federal de Santa Maria tem realizado pesquisas de considerável relevância para a temática.

DOS CLUBES AOS BAILES

Os Clubes foram paulatinamente deixando de representar um espaço exclusivo, no que se refere a espaços de lazer na sociabilidade da população negra. Essa transformação carece de aprofundamento empírico e teórico que a pesquisa como um todo procurará se atentar. É possível elencarmos algumas das possíveis questões que geraram a transformação dos Clubes, como espaços majoritários de sociabilidade negra, para os bailes- realizados fora das sedes sociais dos clubes. Questões como a perda das sedes sociais devido à impasses administrativos e certo distanciamento das diretorias as demandas e dinâmicas dos novos membros são entendidas como elementos propulsores do enfraquecimento dos clubes enquanto espaços essenciais para a sociabilidade da comunidade negra.

Em diversos relatos de campo foi possível identificar falas que indicavam o clube, já em meados do século XX como o espaço de encontro e de trocas entre membros de diferentes idades. Com a extinção ou diminuição severa desses espaços por volta do último quarto no século XX, muitos dos seus membros mais antigos passaram organizar sua sociabilidade ao redor da própria casa. O quintal foi remetido em diversos enunciados como o local onde os bailes passaram a ocorrer. “Desteritorializados” devido à perda das sedes dos clubes por dívidas ou ao enfraquecimento relacionado a disputas político-ideológicas ou interesses da gestão, os bailes passam a ocorrer, na maioria das vezes, fora dos clubes sociais negros. É possível localizar, tanto no interior do estado de São Paulo quanto na capital, bailes em clubes militares, clubes ferroviários, salões de festa e em um número menos significativo nos clubes sociais negros que permanecem em atividade.

As incursões iniciais no campo tem indicado a centralidade de dois elementos: a música e a dança. Seja nos eventos realizados pelos Clubes já no início do século XX aos bailes realizados a partir da década de 60 do mesmo século, constata-se a recorrência da musica e da dança. Temos como hipótese que a sociabilidade realizada nos territórios negros estudados se realize com base em elementos afetivos, em certa oposição a racionalidade instituída como central para a formação de vínculos nas comunidades “ocidentais”. Partir dessa percepção tem nos levado a refletir sobre transformações nas percepções

sobre o corpo, visto agora como espaço de reconhecimento, como ponto de partida para a compreensão de si e estabelecimento de vínculos afetivos e referências de origem que indicam o pertencimento a um grupo.

Em consonância as equipe de bailes¹⁸, como a equipe Chic Show e Zimbábue transformam-se em significativas referencias para os bailes negros durante a década de 60. Musicistas e suas bandas como o maestro Erlon Have e a Banda Veneno, Simonal, Jorge Bem Jor marcaram a época como importantes referências a comunidade afrodescendente. Referências externas também influenciaram o movimento negro brasileiro e geraram impasses internos decorrentes da entrada das influências musicais, corporais e políticas internacionais, em sua grande maioria norte-americanas. Os clubes foram paulatinamente tornando-se espaços mais conservadores e restritivos quanto a dinâmica de sociabilidade de uma juventude negra, o que somado aos outros elementos já descritos influenciou para o deslocamento dos grandes eventos realizados nas sedes dos clubes para os bailes realizados fora. Os clubes que se constituíram como espaços de sociabilidade demarcados em um território fixo foram paulatinamente convivendo e em alguns momentos sobrepostos pelos bailes que ocorriam em diversos espaços das cidades, de clubes militares, a salões de festa. Essa alteração representa transformações significativas na dinâmica dos bailes e na sociabilidade desenvolvida nesses encontros. Agora de caráter transitório, contextual e circunscrito.

O declínio das grandes equipes de bailes como Zimbábue e Chic Show já na década de 80 do século XX, somado a um processo contínuo de mercantilização cultura negra, e em específico dos ritmos de origem afro-brasileira, o samba e suas variações¹⁹, localizou na dança e na música praticadas nesses territórios um nicho promissor para o mercado consumidor.

¹⁸Sobre o tema ver a dissertação defendida por João Batista Felix "Chic Show e Zimbabwe e a Construção da Identidade nos Bailes Black Paulistanos". Disponível no link <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8134/tde-08072010-135922/> (acesso em 19/06/2017)

¹⁹ De acordo com o Dicionário da História Social do Samba podemos elencar as seguintes variações de samba: samba batucado; samba de breque; samba de caboclo; samba de chave; samba de embolada; samba enredo; samba de gafieira; samba de matuto; samba de morro; samba de primeira; samba de raiz; samba de roda; samba de rua; samba de salão; samba de terreiro; samba de velho; samba do crioulo doido; samba duro; samba esquema novo; samba moderno; samba sincopado; samba-canção; samba-choro; samba-exaltação; samba-jazz;

Nos casos acompanhados pela incursão etnográfica da pesquisa em curso, o clube Aristocrata, localizado na cidade de São Paulo e o Grêmio Recreativo e Familiar Flor de Maio, localizado no município de São Carlos, interior do estado de São Paulo, bem como nos Bailes Black que já compõe o hall da pesquisa (tanto da capital como do interior do estado), tem se notado a recorrência de um estilo específico de música e dança, o samba-rock. O Samba-Rock²⁰, ritmo produzido pela influência do samba e de ritmos norte-americanos como o jazz e o rock'n roll, é o exemplo mais ilustrativo do processo descrito acima. Segundo o Dicionário da História Social do Samba, o samba-rock é uma denominação atribuída, a partir da cidade de São Paulo (SP), ao “estilo de dança que misturava passos oriundos do rock, do samba e de ritmos caribenhos, como a rumba e a salsa”, surgido na década de 1960(p. 270, 2015).

Dançarinos e dançarinas que aprenderam com pais, mães, tias e irmãos durante as reuniões familiares a dançar samba-rock encontraram atualmente na dança uma possibilidade de profissionalização e conseqüentemente uma alternativa para o ingresso no mercado de trabalho²¹. Nota-se que o samba-rock tem passado por um intenso processo de “disciplinarização”. A disciplinarização se impõe na transformação de movimentos por meio de metodologias, nomeação dos passos, cópia de passos originários de outros estilos musicais, como por exemplo, o samba de gafieira ou mesmo a Zumba. Segundo algumas interlocutoras, professoras de dança de salão, e entre os estilos de samba-rock, a “disciplinarização” da dança foi importante para que

sambalanço; samba-lenço; samba-reggae; samba-rock; samba-roda; samba-soul; samba de angola; samba joia/pagode romântico; samba trançado;

²⁰ Segundo Oliveira (2008, p.10), existem versões sobre o surgimento do termo samba-rock por conta da ordem com que as músicas eram executadas nos bailes, alternando-se ora uma canção de rock, ora um samba. Assim, primeiramente se falou em “rock-samba”, e até mesmo se utilizava apenas o termo “rock”, para só depois se afirmar o nome “samba-rock”. Expressões como “É bom esse rock?” ou “Você sabe dançar esse rock?”, eram frequentemente utilizadas, mesmo que estivesse tocando no baile alguma música brasileira ou até mesmo um jazz americano.

²¹ Durante o II Samba-Rock Mulheres, evento promovido por professoras de Samba-Rock da cidade de São Paulo foi realizada uma roda de conversa com o seguinte tema “A profissionalização do Samba-Rock”, entre outras questões foram elencadas estratégias de capacitação e gerenciamento para que a dança seja uma possibilidade de inserção no mercado de trabalho para inúmeras dançarinas que tiveram o contato com a dança nas relações familiares ou nos bailes de samba-rock.

para que essa possa aspirar ao reconhecimento como dança de salão. Para tanto se tornou necessário certa a padronização dos movimentos e a elaboração de métodos formais de ensino para que a dança praticada nos clubes, nos quintais das famílias e nos bailes pudesse ser ensinada em academias. Cabendo à pesquisa investigação futura das estratégias de sociabilidade adotadas nos bailes e a representação que a dança, no caso do estado de São Paulo, do Samba-Rock representa para a comunidade negra e ainda as transformações estéticas e artísticas, considerando-se tanto os bailes como a profissionalização, do ritmo musical e da dança.

A mercantilização da dança por meio da inclusão nas academias promoveu consideráveis alterações tanto quanto ao público, visto que as aulas necessitam de investimentos financeiros além de uma determinada organização cotidiana para a frequência das academias, e promoveu ainda alterações quanto aos espaços de execução dos movimentos, além de alterações significativas nos próprios movimentos visando, segundo algumas interlocutoras a profissionalização da dança por meio da padronização a partir de outros estilos de dança de salão. Nota-se ainda a polarização entre os profissionais que conseguem se adequar ao contexto seja pela capacidade de investimento financeiro, pela profissionalização realizada em universidades ou institutos importantes de dança e outros sujeitos que não se enquadraram nessas dinâmicas.

O processo de disciplinarização da dança não é total, sendo possível observar espaços em que os movimentos e marcações considerados superados são apresentados e os corpos imbuídos de euforia e memória resgatam movimentos, passos embalados por trilhas sonoras conhecidas como “Charme”. Nos bailes charme é possível indicar uma presença mais significativa do que em outros eventos de negros e negras acima de 50 anos de idade. Essa observação nos reafirma a datação da entrada do Samba-Rock nas academias de dança e sua conseqüente transformação.

SOCIABILIDADES E TERRITÓRIOS NEGROS

Um resumo sobre as dinâmicas de sociabilidade da comunidade afrodescendente na região sudeste do Brasil, permite-nos algumas inferências

relativas à a dança, considerando-se diferentes estilos, como o samba, o samba-rock, o samba de gafieira, a umbigada, o maracatu enquanto um elemento que esteve e permanece vinculado a coesão desta comunidade. Se o processo social e político de construção do Estado-Nacional primou por políticas de desagregação, desterritorialização e marginalização dos elementos capazes de contribuir para a identificação dos sujeitos negros, acredita-se que a dança possa, mesmo quando atravessada pelos interesses mercadológicos nos indicar dinâmicas próprias da comunidade afrodescendente.

Pós- contemporâneas, as culturas negras vivem um processo de recriação cultural diverso e cosmopolita baseado na troca de informações entre repertórios artísticos, comportamentais e ideológicos moldados em combinações particulares nos diversos portos do “mundo grego” (Guerreiro, 2010, 13 apud Appiah, 1997, p. 250).

A sociabilidade da comunidade negra estaria, portanto, atravessada pelos Clubes e Bailes enquanto territórios da diáspora. Inaicara Falcão dos Santos desenvolve um trabalho com enfoque para o corpo e ancestralidade a partir da síntese das tradições familiares que expressam conexões entre a comunidade africana e a comunidade negra. Segundo Santos (2002, p. 21) a dança precisa ser vivida como um meio de expressão e síntese de experiências empíricas, intelectuais, emocionais e espirituais que resultam de modo vital e dinâmico nas atividades corporais. Assim, “A dança integra o físico, o psíquico, o intelecto e o emocional (...). No que tange à sociedade, a dança tem tido o poder de reforçar a importância do corpo como instrumento e símbolo de poder. Tem também revigorado um conjunto de valores e crenças”.

Gilroy (2002, p. 114-116) destaca então a autonomia de organizações negras como possibilidades de desmantelamento do racismo institucional e ideológico. De certo modo, desenha-se uma possibilidade de compreender os territórios negros aqui descritos, clubes e bailes, como espaços de auto-organização da comunidade negra, que para além de figurarem como espaços de sociabilidade e estabelecimentos de comunidades a partir do reconhecimento das barreiras construídas pelo racismo, podem também figurar como espaços de entrelaçamento e produção de sentidos particulares ao

mesmo tempo em que remetidos a modos de ser e estar da diáspora africana no território nacional.

Para Bhikhu Parekh (2000, p. 219), a cultura se articula em diversos níveis desde os níveis mais básicos refletidos na linguagem, na sintaxe e no vocabulário utilizado para escrever e compreender o mundo, mas também se articula no nível dos provérbios, mitos, rituais, símbolos, memórias coletivas, linguagem corporal, formas de comunicação linguísticas, costumes, tradições, instituições e ainda formas de saudações. A cultura estaria atravessada por um conjunto de significações que a teoria desenvolvida segundo os parâmetros da racionalidade/lógica ocidental não aporta. As culturas latinas, como o caso brasileiro, são atravessadas por influências dos grupos negros, modulando formas de ser e agir. A ideia de modernidade construída para os países colonizados parte da oposição entre a negação da presença nativa e africana em um contexto complexo e diverso de elaboração de sentidos e significados a partir da cultura, tão logo o autor nos propõe deslocar a questão da cultura a partir das ações dos novos movimentos sociais, no caso específico do Brasil, a partir da emergência de grupos que buscavam a positivação de uma representatividade sobre a comunidade negra.

As leituras realizadas e a pesquisa de campo indicam uma variação nos estilos de dança predominantes nos espaços típicos na região estudada. A tríade sociabilidade; território e dança vai se delineando como elemento central para a investigação sobre a comunidade afrodescendente no que confere a suas dinâmicas associativas e aos modelos de socialização impressos nesse e por esse grupo, sendo possível afirmar que a dança apresenta-se como inerente a sociabilidade da comunidade negra. Os clubes, bailes e as aulas nas academias provavelmente não apresentam o mesmo sentido para brancos e negros, logo, propomo-nos refletir sobre a existência de uma sociabilidade que é inerentemente não branca.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVA, J. Jorge Klor. Chapter 9. The Postcolonization of the (Latin) American Experience: A reconsideration of “ Colonialism”, “ Postcolonialism”, and “Mestizaje”. In.: After Colonialism: Imperial histories and postcolonial displacements. Princeton University Press, Princeton, New Jersey, 1994.

ANDREWS, G. "Uma transfusão de Sangue Melhor": O branqueamento, 1880-1930. América Afro-Latina:1800-2000. São Paulo: EDUFSCar, 2007, p. 151-186.

ESCOBAR, G. Clubes Sociais Negros: lugares de memória, resistência negra, patrimônio e potencial. 2010. 205f. Dissertação (Mestrado em Patrimônio Cultural)- Programa de Pós-Graduação Profissionalizante em Patrimônio Cultural. Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria/RS, 2010.

_____. Museu Treze de Maio e as Políticas Públicas a favor da Preservação da Memória e Salvaguarda dos Clubes Sociais Negros do Brasil. In: SOARES, A. L. R. (org). Anais do I Congresso Nacional Memória e Etnicidade, Casa Aberta Editora, Itajaí, 2010. ISSN: 21784981

FIGUEIREDO, Angela. Novas elites de cor: estudos sobre os profissionais liberais negros de Salvador, São Paulo, Annablume, 2002.

GILROY, Paul. "Ther Ain't No Black in the Union Jack": the cultural politics of race and nation. The University of Chicago Press, 2002.

GUSMÃO, N. M.; SIMSON, O. R. M. A criação cultural na diáspora e o exercício da resistência inteligente. In.: Ciências Sociais Hoje, 1989. Anuário de Antropologia, Política e Sociologia. S. Paulo, Vértice/ANPOCS, 1989.

HALL, S. Pensando a Diáspora: reflexões sobre a terra no exterior; Da diáspora: identidades e mediações culturais. Tradução Adelaine La Guardia Resende et al. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006, p.25-48.

ROLNIK, R. Territórios Negros nas Cidades Brasileiras (etnicidade e cidade em São Paulo e Rio de Janeiro). Revista de Estudos Afro-Asiáticos 17-CEAA, Universidade Cândido Mendes, Setembro 1898.

PAREKH, Bhikhu. Rething Multiculturalism: cultural diversity and political theory. Harvard University Press Cambridge, Massacgusetss, 2002.

SILVA, F. Os Negros, a constituição de espaços para os seus e o entrelaçamento desses espaços: associações e identidades negras em Pelotas(1820-1943). 2011. 228f. Dissertação (Mestrado em História)- Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Pós-graduação em História. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2011, Porto Alegre.